

A PAIXÃO DE JESUS

O ápice da história de Cristo é a sua morte. Ele veio para morrer. Diferente dos demais seres humanos, que nascem sabendo que vão morrer como resultado do seu pecado, Jesus morreu porque quis. Para ele, a morte era uma missão, não uma punição. O Senhor Jesus morreu para tirar os pecados do povo. Cristo deixou isso muito claro quando declarou: *“Ninguém tira [a minha vida] de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou”* (João 10:18).

Tudo o que vimos até aqui sobre a pessoa de Cristo, o nascimento espetacular, o ministério ímpar, os ensinamentos, os sinais, milagres e curas, o extraordinário exemplo e autoridade com que ensinava, nada disso faria diferença para a nossa eternidade. Ele precisava morrer pelos nossos pecados, para nos conduzir a Deus (I Pedro 3:18). Na verdade, mais que isso: para completar a obra da redenção ele não poderia ficar morto. Todas as nossas esperanças estariam perdidas.

Portanto, chegamos ao ponto mais alto dos Evangelhos e toda a História da Humanidade. Aqui, toda a revelação de Deus em todos os tempos e para todos os tempos encontra seu ponto máximo. Toda a Lei, com suas ordenanças e sacrifícios se cumpre na Cruz do Calvário. A justiça de Deus é satisfeita.

A ÚLTIMA NOITE

Por tudo isso, penetrar na escuridão da última noite do Senhor Jesus antes de sua morte é pisar em terreno sagrado. Precisamos nos aproximar deles com temor e tremor. São momentos intensos, de grande envolvimento emocional, espiritual e físico da parte do Senhor Jesus. Não podemos compreender completamente a profundidade do sentido de tudo o que aconteceu. Alguns mistérios foram proferidos pelo Senhor naquelas horas. Certamente devemos nos aproximar destas cenas com os pés descalços, como quem chega perto de algo extremamente sagrado. O Senhor vai tratar, sozinho, da questão do pecado da humanidade.

Somos tomados de profunda devoção e comoção quando nos aproximamos da Cruz. Ficamos boquiabertos, sem fala, mudos, diante das cenas que se passam diante dos nossos olhos. Mesmo quando pensamos conhecer tão bem aquelas histórias e detalhes. Cada cena é profunda, grave. Algumas são pesadas, outras plenas de carinho. Algumas revelam a fraqueza, maldade e vileza de homens maus, outras a força do Deus-homem. São momentos que vão mudar o mundo.

Uma análise dos relatos dos quatro evangelhos nos permite estabelecer a cronologia dos acontecimentos na véspera do sacrifício do Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

1. A refeição da Páscoa (Mt 26:17-20; Mc 14:12-17; Lc 22:14-18) – A julgar pelas conversas dos discípulos à mesa, disputando entre si qual deles seria o maior, eles não estavam levando a sério o fato de que aquela seria a última Páscoa que comeriam com o Mestre. Eles não tinham percebido a gravidade do momento. Seus pensamentos parecem dissociados dos avisos claros que o Senhor lhes havia dado de que sua hora estava chegando.
2. O lava-pés (João 13:1-20) – Jesus interrompe o jantar para lhes ensinar uma lição que custavam aprender: o segredo do sucesso de quem é seguidor de Jesus é aprender a ser servo.
3. A identificação e saída do traidor (Mt 26:21-25; Mc 14:18-21; João 13:21-30) – Judas fica junto com o grupo até o último momento. Mesmo tendo sido alvo do amor de Jesus até o fim (13:1),

- Judas escolhe o seu destino. Ele permite ser tomado e usado pelo diabo, mesmo depois de ser testemunha ocular de tudo o que Jesus fez e falou durante aqueles três anos e meio.
4. A instituição da Ceia do Senhor (Mt 26:26-29; Mc 14:22-25; Lc 22:19-20) – O memorial que permanecerá pleno de significado até que Ele volte, quando os símbolos serão substituídos por Sua santa presença. Até lá, pão e vinho nos farão lembrar do Seu sacrifício perfeito por nós.
 5. Os sermões de despedida (Lc 22:24-38; João 13:31-16:33) – As últimas palavras de um homem são uma síntese de sua existência. Jesus se apresenta como aquele que marca, controla e, em última análise, é a única solução para a História.
 6. A oração sacerdotal (João 17:1-26) – Jesus encontra espaço nos momentos mais angustiantes de sua vida para interceder por seus discípulos daqueles dias e por aqueles (como nós) que viriam a crer nEle. Seu amor e cuidados são realmente incomparáveis.
 7. A saída para o monte das Oliveiras (Mt 26:30; Mc 14:26; Lc 22:39; João 18:1) – Um hino é entoado em meio ao turbilhão. Era um costume ligado à tradição da páscoa judaica, mas é sem dúvida notável pensar que, mesmo sabendo o que o esperava no jardim, Jesus canta com eles um salmo de louvor.
 8. As conversas no caminho até o jardim (Mt 26:31-35; Mc 14:27-31) – Alerta direto e específico a Simão Pedro. O Senhor se propõe a preparar seu discípulo para os momentos críticos que se seguiriam, mas ele está muito cheio de si mesmo para dar lugar à vigilância. O resultado seria trágico para ele.
 9. O tempo de oração no jardim do Getsêmani (Mt 26:36-46; Mc 14:32-42; Lc 22:40-46). Sem poder contar com o apoio de seus discípulos para confortá-lo, esperava pelo menos contar com seu apoio em oração. Mas tudo que consegue é levá-los para uma soneca no jardim. Permanece sozinho na angustiada oração, onde até chega a suar gotas de sangue. É confortado por um anjo, já que os discípulos não estavam dispostos a fazê-lo.
 10. A chegada de Judas e a prisão de Jesus (Mt 26:47-56; Mc 14:43-52; Lc 22:47-53; João 18:2-12). Decidido e consciente do que estava fazendo, Judas leva até o fim seu propósito de traição. Entra para a história como sinônimo do que é mais desprezível em um ser humano.
 11. Jesus é levado a Anás (João 18:13-14; 19-23) e depois a Caifás (Mt 26:57-75; Mc 14:53-65; Lc 22:54; 63-65; João 18:24) – Os chefes religiosos não perderiam aquela chance. Tinham esgotado todas as tentativas de barrar o ministério de Jesus, o poder de seus atos e palavras. Não obtendo êxito, apelam agora para todo tipo de subterfúgio, incluindo suborno e coação de testemunhas, mentiras, truculências e escárnios.
 12. Pedro nega a Jesus três vezes (Mt 26:58; 69-75; Mc 14:66-72; Lc 22:55-62; João 18:15-18; 25-27) – Mesmo avisado do perigo, Pedro decide confiar em si mesmo e acaba caindo em tentação. Seu choro triste contrasta com o choro de remorso de Judas. Ele realmente sentiu o peso do que tinha feito.

JULGAMENTO E CRUCIFICAÇÃO

Depois de uma noite difícil, da traição ao abandono de seus doze melhores amigos, no tratamento injurioso que sofreu por parte dos seus líderes religiosos do seu próprio povo, do escárnio e da zombaria a que foi submetido no Sinédrio e, em especial, ao aproximar-se a hora terrível em que havia de separar-se do Pai para carregar sobre Si mesmo o pecado da humanidade, Jesus chega ao dia mais importante de sua missão na terra.

1. *Jesus é levado perante Pilatos* (Mt 27:1-2; 11-26; Mc 15:1-15; Lc 23:1-5; João 18:28-19:15). Os judeus não tinham autoridade para executar prisioneiros, por isso dependiam da aprovação civil por parte do governo romano. Por isso levam-no perante Pilatos. Este, como governador, dá a sentença que libertaria Jesus da cruz: “*não vejo neste homem crime algum*”. A partir deste instante, todo o julgamento é ilegal. Mesmo assim, a farsa continua. Para Pilatos, Jesus era apenas mais um prisioneiro da fervilhante comunidade judaica. Ele não tem noção nem interesse em saber quem Jesus realmente é. Ao lavar as mãos, porém, não se isenta da eterna responsabilidade por ter desprezado a Cristo.
2. *Jesus é enviado a Herodes* (Lc 23:6-12). Herodes queria ver Jesus, mas não tinha o motivo certo para isso: queria simplesmente ver um espetáculo de milagres. Jesus não entrou na dele. Não fez sinal algum nem lhe deu resposta. De fato, quem estava no controle naquele interrogatório era o Senhor Jesus, não Herodes.
3. *Jesus é entregue para ser crucificado* (Mt 27:27-44; Mc 15:16-20; Lc 23:13-32; João 19:16). A multidão, que uma semana antes o recebera em Jerusalém, aclamando-o como Rei bendito, agora clama sua crucificação e o rejeita definitivamente. Jesus, o Rei de amor, é trocado pelo assassino Barrabás. Troca sua glória eterna pela “Sua” cruz (Jo 19:17). De longe, a voz do povo nunca foi a voz de Deus.
4. *Às 9 horas da manhã Jesus é crucificado* (Mc 15:22-32; Lc 23:32-43; João 19:17-27). Num dos mais cruéis modos de execução jamais inventados pelo homem, Jesus é condenado a ser pendurado numa cruz, com todas as terríveis dores e sofrimentos excruciantes. Embora não devamos ser levados por mero sentimentalismo, não se pode avaliar a extensão da luta física pela qual o Senhor passou, depois de uma noite toda sem dormir, depois de ser duramente açoitado por soldados musculosos, enfrentando a solidão e o abandono. A Cruz é o centro do Cristianismo. É um símbolo de sofrimento individual, inenarrável, cuja mensagem transforma e traz o único alento possível ao coração do homem.
5. *Trevas sobre toda a terra do meio-dia até as três da tarde* (Mt 27:45; Mc 15:33; Lc 23:44). Muitas coisas têm sido ditas sobre este tempo de trevas. a) A natureza se manifesta, contrária à morte do seu Criador. b) O Pai cobre o Filho com o manto das trevas, como que a dizer que a vergonha era insuportável. c) O mundo precisava saber que algo incomum e único estava acontecendo naquele momento. Seja como for, aquelas horas de trevas era o indício de que algo muito sério estava acontecendo.
6. *Às três da tarde Jesus entrega o espírito* (Mt 27:46-56; Mc 15:34-41; Lc 23:45-49; João 19:28-30). No controle de tudo, ele ENTREGA O ESPÍRITO, comprovando o que havia dito que faria (João 10:18). Mãos e poderes humanos não poderiam subjugar o Autor da vida, se ele deliberadamente não quisesse passar por aquela experiência. O Pai da Eternidade encontra a morte. Por um pouco de tempo, mas ele vai até o último grau de humilhação, aceitando o castigo que nos traz

a paz em toda a sua plenitude. Seu brado é de vitória: **ESTÁ CONSUMADO!** A obra estava completa. Nada por fazer. Tudo estava realizado.

SEPULTAMENTO

1. *Ao fim da tarde seu corpo é descido da cruz e sepultado* (Mt 27:57-66; Mc 15:42-47; Lc 23:50-56; João 19:31-42). Desde o momento em que finaliza a obra da Redenção, nenhum ato hostil ao corpo de Jesus é permitido. Ao contrário, um homem distinto e de boa posição o recolhe e ele é depositado cuidadosamente num túmulo novo – uma distinção e honraria digna de um rei ou de alguém muito importante.
2. *O sepultamento de Jesus* por três dias é fundamental para comprovar não apenas sua ressurreição, como também sua morte literal e real. Ele foi envolto em panos e faixas, uma grande pedra foi rolada para a frente do sepulcro, as cordas do governo romano selaram a sepultura e um destacamento de soldados fortemente armados a guardaram. Não havia dúvidas: Jesus estava morto e enterrado. Para muitos, era o fim. Para Jesus, não.



Exercício

Procure pelo menos 6 (seis) profecias sobre o julgamento, crucificação ou sepultamento de Jesus no Velho Testamento e aponte para o seu cumprimento nas narrativas dos Evangelhos.

A RESSURREIÇÃO

Não existe fato mais importante para a nossa fé do que a Ressurreição do Senhor. Paulo afirma que se Cristo não ressuscitou, nossa fé e nossa esperança são vãs e nos torna os homens mais infelizes de todos (I Coríntios 15:17-19). Baseamos nossa fé e nosso futuro no fato de termos um Redentor vivo.

Embora todos dessem como encerrado o “efeito Jesus”, a cruz não era o fim. A morte não podia colocar um ponto final na história do Pai da Eternidade (At 2:24). CRISTO ESTÁ VIVO! Não há mais temor.

Fazendo a leitura comparada dos Evangelhos, percebemos que a ordem dos eventos no dia da Ressurreição:

1. *Durante a madrugada, um anjo desce do céu, remove a pedra, causando um grande terremoto* (Mt 28:2). Isto provoca espanto nos guardas romanos, que fogem apavorados.
2. *Os guardas vão à cidade e relatam o que viram* (Mt 28:11-15) Daí surge a versão do roubo do corpo. Há que se notar a inverossimilitude da história. Guardas romanos, bem treinados, armados e responsáveis pagariam com a vida se dormissem em serviço. Não era apenas um guarda, era uma escolta toda. Impossível que todos tivessem dormido. O suborno pago explica tudo. As aparições de Jesus a centenas de pessoas calaram a boca desses homens.
3. *As mulheres vão ao sepulcro alta madrugada* (Mt 28:1-8; Mc 16:1-8; Lc 24:1). Estavam presentes Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé. Seu intuito era nobre, porém descabido. Como é que elas pretendiam embalsamar o corpo daquele que prometera ressuscitar? Sem perceber, estavam agindo na razão humana, não por fé. Tomadas pelas emoções, levavam para o túmulo de Jesus suas melhores intenções de dar a seu Mestre um sepultamento digno. Mas esqueceram-se do mais importante: crer no que ele mesmo dissera.
4. *Dois anjos anunciam às mulheres que Jesus ressuscitou* (Mt 28:7:1-2; Mc 16:5-7; Lc 24:4-8). Os mensageiros de Deus anunciam claramente que Jesus não está mais entre os mortos. Tão desconectadas e tomadas por suas emoções elas estão, talvez assustadas por não esperarem encontrar qualquer sinal de vida em um cemitério, elas só conseguem ficar mais aterrorizadas e fugir. Ainda assim, destaca-se a coragem daquelas mulheres. Enquanto os “corajosos” discípulos estavam trancados em casa, elas saíram para a rua e foram ver o que podiam fazer.
5. *Maria Madalena avisa a Pedro* (João 20:1-10). Aparentemente o que aconteceu foi que Maria Madalena foi junto com as outras mulheres de madrugada. Quando as outras fugiram, ela foi ter com Pedro e João. Pedro entra no sepulcro e vê os lençóis (v.6-7). João crê (v.8-10), mas eles voltam para o QG dos discípulos. Ainda assim, eles não conseguem colocar todos os acontecimentos e evidências numa perspectiva adequada.
6. *Jesus aparece às mulheres que tinham ido ao sepulcro* (Mt 28:8-10). Divididas entre o medo e a alegria, elas ganham forças para ir contar as novidades aos discípulos. No caminho, Jesus se manifesta a elas. Não havia mais dúvidas. Ele estava vivo. Era verdade. Elas o adoram e tentam retê-lo (segurá-lo), mas agora não seria mais assim. Sua presença física entre elas seria por um breve tempo. Ele estava preparando-se para voltar ao Lar.

7. *Jesus aparece a Maria Madalena* (Jo 20:11-18). Esta é uma das mais tocantes passagens das Escrituras. Maria Madalena tinha um apreço especial pelo Senhor. Ela tinha sido uma triste endemoninhada, que fora liberta pelo Senhor (Lc 8:2). Seu amor por Cristo foi evidente desde então. Jesus a chama pelo nome (v.16). Que alegria deve ter inundado a vida de Maria ao perceber que seu Mestre e Senhor estava vivo como prometera. Seu Libertador não era uma farsa, mas a mais absoluta e confiável Verdade!
8. *Jesus aparece a Simão Pedro* (Lc 24:34; I Co 15:5). Não podemos afirmar as razões que levaram Jesus a aparecer de forma exclusiva a este discípulo. Conjecturas válidas poderiam ser feitas. Preferimos registrar o fato como um alto privilégio concedido a quem horas antes havia negado veementemente conhecê-lo. A graça do Senhor estava à disposição de Pedro.
9. *Jesus aparece aos dois discípulos na estrada para Emaús* (Lc 24:13-35) Já era o final daquele domingo e estes discípulos voltavam tristes para sua casa. Aquele estranho companheiro de jornada não foi reconhecido de imediato. Na conversa, os dois discípulos mostram que suas expectativas a respeito de quem era Jesus estavam equivocadas (v.19-24). Viam nele apenas um profeta miraculoso, com uma bonita mensagem e a esperança de ser o restaurador do reino em Israel. Mencionaram a promessa da ressurreição de raspão, como se fosse algo tão absurdo que não merecesse ser levado a sério. Pelo menos, no final da conversa, tiveram o mérito de crer na manifestação do Senhor, quando à mesa eles finalmente têm seus olhos abertos. Sua atitude de voltar às pressas para Jerusalém, àquela hora da noite, para contar aos discípulos é digna de nota.
10. *Jesus aparece aos discípulos reunidos, menos Tomé* (Mc 16:14-18; Lc 24:36-49; Jo 20:19-25). Estes homens foram o principal foco de Jesus durante o seu ministério. Humanamente falando, é compreensível que eles estivessem agora desanimados e amedrontados. Mas é o próprio Senhor que lhes repreende a falta de fé e de atenção às suas palavras. Não havia motivo para pânico. Jesus já tinha provado o seu poder e mostrado que suas promessas sempre seriam cumpridas. Como nós muitas vezes, os discípulos deixaram a fé e foram dominados pelas circunstâncias. Assim, permitiram que suas vidas se desequilibrassem. A aparição de Jesus ao seu grupo de líderes principais é significativa. Eles deveriam dar o exemplo para as mulheres e os demais que haviam crido no Senhor. Talvez por isso, Jesus os deixa para o fim.



Exercício

Comente com seu grupo o que a ressurreição de Jesus representa para a nossa fé e para a humanidade. Seu primeiro comentário deverá ser acompanhado de uma citação sobre a ressurreição em algum texto da Bíblia fora dos Evangelhos.

DA RESSURREIÇÃO À ASCENSÃO

Os eventos da paixão, sepultamento e ressurreição de Jesus deixaram os discípulos e as mulheres perplexos. Depois de algumas horas de intensa expectativa, finalmente a certeza veio: Jesus estava vivo. Não havia mais dúvidas. Ele ainda ficaria mais quarenta dias entre eles (At 1:3). Neste tempo, tiveram a oportunidade de receber mais ensino sobre o Reino de Deus. Alguns detalhes desses encontros foram registrados.

1. *A aparição aos discípulos uma semana depois, com Tomé* (João 20:26-29). Onde estaria Tomé na semana anterior? Por que não estava reunido com os discípulos? O que estaria fazendo quando Jesus apareceu? Podemos aprender com este episódio que estar com o povo de Deus quando este está reunido nos permite vivenciar experiências únicas, que não se repetirão novamente. Além de não estar, ainda duvidou do relato dos demais. Jesus o censurou, apesar de lhe oferecer uma oportunidade especial. Jesus também lhe ensinou que a fé que depende de vista não é fé. Isto remete a nós todos, que “*embora não o tenhamos visto*”, o amamos (I Pe 1:8).
2. *A restauração de Pedro* (João 21:1-23). Pedro, como líder, começa a ficar impaciente. Resolve voltar a pescar. Pior que isso, leva consigo mais seis dos onze discípulos. O mau exemplo de Pedro influenciou os demais. Este encontro foi marcante e decisivo, para Pedro, para os discípulos e para o próprio futuro da Igreja. Simão precisava daquele comissionamento particular. A conversa após o inusitado café da manhã tem o foco em Pedro. Apela para a paixão que ele não podia perder. Chama a atenção a pergunta de Jesus: “Amas-me mais do que estes outros?” De quem se espera mais, mais intenso amor e devoção são necessários.

Duas coisas ficam claras naquela conversa, presenciada pelos outros discípulos: Jesus tinha um propósito para Pedro, que não era igual ao dos outros. E ninguém tinha nada a ver com isso (v.22-23). Cada um tinha que segui-lo do mesmo jeito e fazer a sua parte. Isto nos ensina que, ao invés de nos preocuparmos em saber o que o **outro** vai fazer, devemos focar naquilo que Ele quer que **nós** façamos.

3. *A entrega da Grande Comissão no Monte das Oliveiras.* (Mt 28:16-20; Mc 16:15-18). Aparentemente, esta conversa de Jesus aconteceu no instante que antecedeu sua ascensão. Isto não muda, entretanto, a força e a importância da missão entregue. Não é qualquer um que está falando. É Aquele que tem “toda a autoridade”. A Grande Comissão não é uma opção, nem uma questão a ser discutida. É uma ordem a ser cumprida. Observe que a ordem completa é:

- *IDE por todo mundo.*
- *PREGAI o evangelho a toda criatura.*
- *FAZEI DISCÍPULOS de todas as nações.*
- *Quem crer SEJA BATIZADO em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*
- *ENSINAI-OS a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.*

Juntamente com a ordem, veio uma promessa poderosa: Jesus garante sua presença em todos os momentos do seu cumprimento. Não estamos sós. Ele vai estar conosco todos os dias. Por isso, quando tomamos a cruz (o que devemos fazer dia após dia, segundo Lucas 9:23) podemos ter a certeza de que Ele nos ajudará na tarefa.

4. *Sua ascensão no Monte de Oliveiras* (Mc 16:19-20; Lc 24:50-53; At 1:1-11). Juntando todas as narrativas, podemos perceber que o último ato de sua presença física com os discípulos teve os seguintes elementos:
- Atos nos informa que no último discurso de Jesus aos discípulos ele insta que eles não saiam de Jerusalém, mas esperem a promessa do Espírito Santo.
 - Até aquele momento final, ainda havia nos discípulos a expectativa de que Jesus ficaria ali e restauraria o Reino a Israel (v.6-8).
 - Jesus começa a subir na frente deles, até ser encoberto pelas nuvens.
 - Dois anjos vêm lembrá-los que a vida devia continuar, conforme Jesus havia alertado (v. 10-11). Fica a maravilhosa promessa de que Ele voltaria um dia, entre as nuvens, tal como subiu.
 - Eles voltam para Jerusalém jubilosos, dispostos a esperar o cumprimento da promessa da descida do Espírito Santo.

CONCLUSÃO AOS EVANGELHOS

Quando fizemos o Panorama do Velho Testamento, vimos como as Escrituras eram o registro da revelação de Deus ao longo dos séculos para apontar e preparar o caminho que nos levaria a Jesus. Comparamos o Antigo Testamento a uma corda guia, que poderia nos levar de dentro da caverna escura para a luz, que é Cristo.

Agora, ao terminar os Evangelhos, entendemos como esta figura era apropriada. Jesus é a Luz do mundo. Não precisamos mais de figuras ou símbolos. Cristo materializa e cumpre todos os tipos que falavam da Redenção.

A grandeza dos Evangelhos está em sabermos que as narrativas não encerram a história. Nos séculos seguintes, até nossos dias, os céticos procuraram negar a pessoa e a obra de Cristo. Não conseguiram. Jesus ganhou o nome que está acima de todo nome. Ninguém, em tempo algum, jamais pode sobrepujar o poder do Seu sangue (sua vida) dada em favor dos seres humanos.

Como veremos no bloco de estudos seguintes (o Panorama dos Atos), a subida de Jesus para o céu era necessária para que o Espírito Santo viesse e, dessa forma, Sua obra tivesse um alcance maior (em termos de extensão) do que tivera enquanto o Senhor estava entre eles. Uma fase completamente nova seria inaugurada poucos dias depois, no Pentecostes.

Nosso objetivo terá sido atingido se você, depois de ter olhado mais detidamente os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, o Filho de Deus tiver sido revelado a você de uma maneira especial. Aproveite, então, para anotar algumas dessas lições que você aprendeu nas últimas semanas a respeito de Jesus.
